

A presença dos contextualizadores na construção da imagem do Ministro Joaquim Barbosa

Eliane Aparecida MIQUELETTI¹

Resumo: Este trabalho pretende analisar a contribuição dos contextualizadores como recurso para a construção da imagem do ministro Joaquim Barbosa em uma reportagem publicada na revista *Veja* no dia 10 de outubro de 2012. A base teórica é a Linguística Textual. Parte-se de algumas considerações teóricas acerca dessa teoria e de suas concepções sobre texto, sentido, leitor e contextualizadores. A análise deve revelar que a escolha de determinados contextualizadores constitui-se em pistas que precisam ser observadas pelo leitor com vistas a descobrir determinadas construções de sentido e, especificamente no texto analisado, auxilia na construção, sobretudo, da imagem do ministro Joaquim Barbosa.

Palavras-chave: Linguística Textual; Contextualizadores; Construção da imagem.

Abstract: This study aims to examine the contribution of contextualizers as a resource for the construction of the image of the Minister Joaquim Barbosa in a report published in *Veja* magazine on October 10th, 2012. The theoretical basis is the Textual Linguistics, one starts with some theoretical considerations about this theory and his views on text, meaning, reader and contextualizers. The analysis should reveal that the choice of certain contextualizers are tracks that need to be observed by the reader with a view to discovering certain constructions of meaning and, specifically in the text discussed, assists in building especially the image of the Minister Joaquim Barbosa

Keywords: Textual Linguistics; Contextualizers; Image building.

Introdução

O trabalho fundamenta-se nas bases teóricas da Linguística Textual, na prerrogativa de texto como “o próprio *lugar* da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos” (KOCH, 2002, p.17).

O texto analisado foi veiculado por uma revista de circulação semanal e nacional, a revista *Veja*, que, como veículo de informação midiática, procura utilizar-se de recursos textuais para convencer o leitor em torno da construção de determinada informação.

Neste artigo, a análise enfoca a escolha dos contextualizadores na composição da reportagem *O triunfo da justiça*, que tem como título de capa *O menino pobre que mudou o Brasil*, publicada pela *Veja*, no dia 10 de outubro de 2012. Destaca-se, principalmente, a construção

¹ Doutoranda em Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Londrina. Londrina-PR. Correio eletrônico: elianeletti@ibest.com.br

da imagem do ministro do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa, no julgamento dos envolvidos no Mensalão.

Com esse intuito, apresenta-se, primeiramente, considerações teóricas acerca da Linguística Textual, sua história e a visão dessa teoria para alguns conceitos como o de texto como processo, sentido, leitor e contextualizadores. Logo depois, a análise da capa e da reportagem, inseridas ao longo do texto, revelará o uso dos contextualizadores no direcionamento de sentidos.

Considerações teóricas

A Linguística Textual

A Linguística Textual destaca-se entre os estudos linguísticos que adotam o texto como unidade básica de estudo. Ela passa por diversas etapas ligadas à evolução do entendimento de língua, sujeito e, conseqüentemente, a ampliação do que se compreende por texto. Hoje, a atribuição mais aceitável é a de texto como “o próprio lugar da interação” (KOCH, 2002, p.16), objeto autônomo.

Galembeck (2005) destaca três fases evolutivas na construção da teoria: a fase da análise transfrástica, na qual a língua era vista como representação do pensamento, o texto como algo abstrato, sequência de enunciados bem formados, momento em que as análises ocorrem da frase para o texto.

Na segunda fase, a das “gramáticas textuais”, a língua começa a ser estudada como estrutura e essas gramáticas pretendiam estabelecer um conjunto de regras partilhado pelos usuários da língua, formular regras para identificar se um texto é bem formado, preocupa-se com a competência textual do falante. O texto ainda era visto estrutura composicional finita.

A terceira fase, surgimento da Linguística Textual, ocorre no final da década de setenta do século passado quando noções de textualidade, sistematizadas por Beaugrande e Dresler (1981), são trazidas para o foco das pesquisas, assim como as noções de “contexto (genericamente, o conjunto de condições externas à língua, e necessários para a produção, recepção e interpretação de texto) e interação (pois o sentido não está no texto, mas surge na interação

entre o escritor /falante e o leitor/ouvinte)" (GALEMBECK, 2005, p.72). Nesse momento, a língua é aceita como lugar de interação, o sujeito é ativo e social, passa-se a considerar como essenciais os momentos de produção e de recepção do texto.

Dentro disso, o texto é visto numa dimensão procedimental, pois se considera que toda ação envolve processos cognitivos ativados pelos parceiros da comunicação no momento da interação, como aponta Koch (2009). Heinemann e Viehweger (1991, *apud*, GALEMBECK, 2005, p.73-74), elencam quatro grandes sistemas de conhecimentos responsáveis pelo processamento textual: o linguístico (uso do léxico e da gramática da língua), o enciclopédico ou de mundo (experiência declarativa, episódica e intuitiva adquirida ao longo da vida), o interacional (dimensão interpessoal da linguagem, envolve as ações ilocucionais, comunicacionais e metacomunicativo) e o de superestruturas ou modelos textuais globais (tipos e gêneros adequados).

Essas novas visões alteram, também, a concepção de leitura que deixa de ser considerada apenas como um ato de decodificação do código linguístico, para ser entendido como um ato de atribuição de sentido. Sentido esse que advém da interação entre os usuários do texto – produtor e leitor/ouvinte – cabendo ao seu produtor, como ressalta Koch (2002, p.19), um "projeto de dizer" e ao leitor a mobilização do contexto – em sentido amplo – adequado à dada situação comunicativa, a partir de pistas deixadas na superfície do texto, no co-texto.

Cabe destacar que o contexto em sentido amplo enfatizado por Koch (2002) integra, além do conhecimento do co-texto, entorno verbal, como também "a situação de interação imediata, a situação mediata (entorno sócio-político – cultural) e também o contexto sócio-cognitivo dos interlocutores que na verdade subsume os demais" (KOCH, 2002, p.24). O contexto sócio-cognitivo são os conhecimentos armazenados na memória do leitor que precisam ser mobilizados no momento da compreensão dos textos. Dessa forma, o sentido de um texto depende da ação de seu produtor e de seu interpretador que são "(...) 'estrategistas', na medida em que, ao jogarem o 'jogo da linguagem', mobilizam uma série de estratégias – de ordem sócio-cognitiva, interacional e textual – com vistas à produção de sentido" (KOCH, 2002, p.19).

Quanto ao conhecimento de mundo (conhecimento sócio-

cognitivo), ele está armazenado na memória em forma de “modelos cognitivos”, “blocos” (KOCH; TRAVAGLIA, 1991, p.60) sócio-culturalmente determinados e adquiridos através da experiência, são eles: os *frames*, os esquemas, os planos, os *scripts* e as superestruturas ou esquemas textuais, cada um deles guarda suas especificidades. Ao iniciar a leitura, o leitor ativa os modelos adequados à situação comunicativa, de acordo com as pistas textuais, e, como lembra Koch (2002, p.46), cada leitor constrói um modelo diferente para o mesmo texto, já que os modelos sofrem interferência de todo o conhecimento prévio, particular de cada leitor.

Diante dessas colocações, nota-se que a maior parte dos conhecimentos necessários à compreensão dos textos não está nele explícito, depende da capacidade de inferência do receptor a partir das marcas textuais que se constituem em indicadores das intenções do autor. Ao leitor, cabe apoiar-se nos elementos linguísticos e extralinguísticos para construir os sentidos presentes no texto, e os contextualizadores constituem em um desses recursos.

Os contextualizadores

Tendo em vista as considerações já realizadas, cabe destacar que a compreensão textual passa pela contextualização daquela produção. Dessa forma, ao ler um texto o leitor procura compreender, criar hipóteses, a partir de elementos que lhe dão suporte em uma situação comunicativa, “pistas de contextualização” que podem ser confirmadas na leitura do texto como um todo, ou não. Além disso, muitas dessas marcas são usadas como elementos de persuasão, servem para “fisgar” o leitor na decisão, por exemplo, de ler ou não o texto.

Koch (2002, p.32) lembra que Gumperz (1982,1992) chama de “pistas de contextualização” os sinais verbais e não verbais usados na interação face a face, para relacionar o que é dito em dado tempo e em dado lugar ao conhecimento adquirido através da experiência, auxilia o sujeito a perceber as pressuposições em que se devem basear para manter o envolvimento conversacional e ter acesso ao sentido pretendido, como, por exemplo, a entonação, as pausas e sobreposição de turnos.

No que se refere à escrita, Koch (2002, p.32-33) retoma Nystrand

(1987) e lembra que para ele os escritores habilidosos exploram uma escala de recursos para “modular a fala”, como, por exemplo, as aspas, para determinar ironia. Nesse sentido, Dascal & Weisman, ao analisar textos jornalísticos, cita as aspas, a seleção lexical, certas questões retóricas, o uso de dadas formas de tratamento, pistas importantes para a captação do sentido pretendido pelo produtor do texto. Assim também, há os recursos gráficos, entre outros, a diagramação, a localização do texto na página ou no veículo, o tipo de letra, os destaques (itálico, negrito).

Ainda sobre os contextualizadores, Koch & Travaglia (1991, p.67) lembram que Marcuschi (1983) dividiu-os em dois tipos, divisão que possibilita a melhor visualização da abrangência desse recurso: os contextualizadores “propriamente ditos”, nos quais se encaixam os que ajudam a situar o texto, estabelecer a coerência (data, local, elementos gráficos), e os contextualizadores “perspectivos ou prospectivos”, que possibilitam que as expectativas em relação ao conteúdo do texto avancem, além da forma do texto (título, autor, início do texto), classificação seguida neste trabalho.

Diante dessas informações, nota-se que esse recurso, além de situar e orientar o leitor no desvelamento do sentido implícito no texto, pode funcionar, dependendo da situação comunicativa e do contextualizador, como uma forma de dar maior credibilidade ao texto, a exemplo da assinatura, do carimbo em documentos, das tabelas explicativas, como aponta Koch e Travaglia (1991, p.67).

A seguir a análise demonstrará a importância dos contextualizadores na construção dos sentidos no texto, principalmente na imagem do ministro do Superior Tribunal Federal (STF) Joaquim Barbosa, na reportagem “O triunfo da justiça”.

Análise

Antes de iniciar a análise, cabe considerar o contexto sócio-político no qual a reportagem foi publicada, informação que compõe as condições de produção do texto e auxiliam nas possibilidades de inferências realizadas pelo leitor.

Dessa forma, o período era o de julgamento do conhecido “Mensalão”, nome dado a um dos maiores escândalos da política

brasileira ao envolver, entre outras ações, o pagamento de mensalidade a deputados para votarem a favor de projetos de interesse do Poder Executivo. Depois das investigações, em agosto de 2012, inicia-se o julgamento dos acusados com apresentação do relatório por Joaquim Barbosa e da acusação pela Procuradoria Geral da República. A reportagem em análise foi publicada no dia 10 de outubro de 2012, após uma semana em que os ministros do STF começaram a indicar as possíveis condenações.

Nesse contexto, inicia-se a observação dos contextualizadores na capa da revista, o “cartão de visita” desse suporte, é por ela que o leitor é “fisgado” para comprar e ler, sobretudo, o que nela se destaca.



Figura1: capa

Observa-se na capa maior ênfase à fotografia, esse tipo de recurso ajuda a situar o texto. Visualiza-se, assim, ocupando quase toda a extensão da capa, a imagem envelhecida de um menino negro, de expressão séria e vestido numa singela camisa branca. A imagem possibilita a primeira inferência ativada pelo “frame” – conjunto de conhecimentos armazenados sob um rótulo, (KOCH; TRAVAGLIA, 1991, p.60) –, sugere a simplicidade, o que torna o público-alvo mais familiarizado com o conteúdo.

Nesse primeiro olhar para a revista o leitor pode desconhecer o sujeito da fotografia, ao menos que consiga ativar seus conhecimentos de mundo e, diante do contexto sócio-político cultural, preencha as

lacunas do texto, mas “por via das dúvidas”, não conseguindo o leitor inferir sobre o conteúdo da foto, tem-se, ao lado, no “contextualizador prospectivo” legenda – esse ajuda a avançar as expectativas sobre o conteúdo do texto (KOCH; TRAVAGLIA, 1991, p.67) –, a seguinte informação: “O ministro do Supremo Tribunal Federal Joaquim Barbosa aos 14 anos de idade, no Colégio Estadual Antônio Carlo, em Paracatu, Minas Gerais.”, com destaque, em vermelho, para o nome do referente “Joaquim Barbosa” o que ajuda a direcionar o olhar do leitor para essa informação principal.

Compondo o conjunto dos contextualizadores prospectivos o título “O menino pobre que mudou o Brasil”, em letras maiúsculas junto aos outros elementos de contextualização, ajuda a construir o todo de sentido, expondo o assunto e a perspectiva em que será apresentado. A composição chama a atenção e ativa a curiosidade, as expectativas do leitor para ler a matéria no interior da revista.

Além disso, tendo em vista a composição do gênero capa de revista, composta na imbricação entre a linguagem verbal e a pictórica, nesta capa o texto verbal parece se constituir num contextualizador da fotografia. Nesse sentido, a referência ao nome do referente “Joaquim Barbosa” revela-se âncora para as predicções todas, inclusive para a fotografia.

Atentando para o que afirma Koch e Travaglia (1991, p. 67) em relação a esses recursos, eles “‘ancoram’ o texto em uma situação comunicativa determinada”. A construção da capa auxilia no processo de construção de determinada imagem do principal “referente” da matéria, Joaquim Barbosa.

Passa-se então à análise do texto no interior da revista (página 68 até 79), levando em consideração as inferências já feitas na capa. Informa-se que nessa reportagem as páginas completam-se duas a duas, ou seja, a que está do lado direito constitui-se numa continuidade dos conteúdos da página à esquerda, sendo assim a análise levará em consideração essa organização. Informa-se que as páginas 75 e 77 são reservadas a publicidades da revista, por isso não são apresentadas na análise.

Vejam-se as páginas 68-69 a seguir:

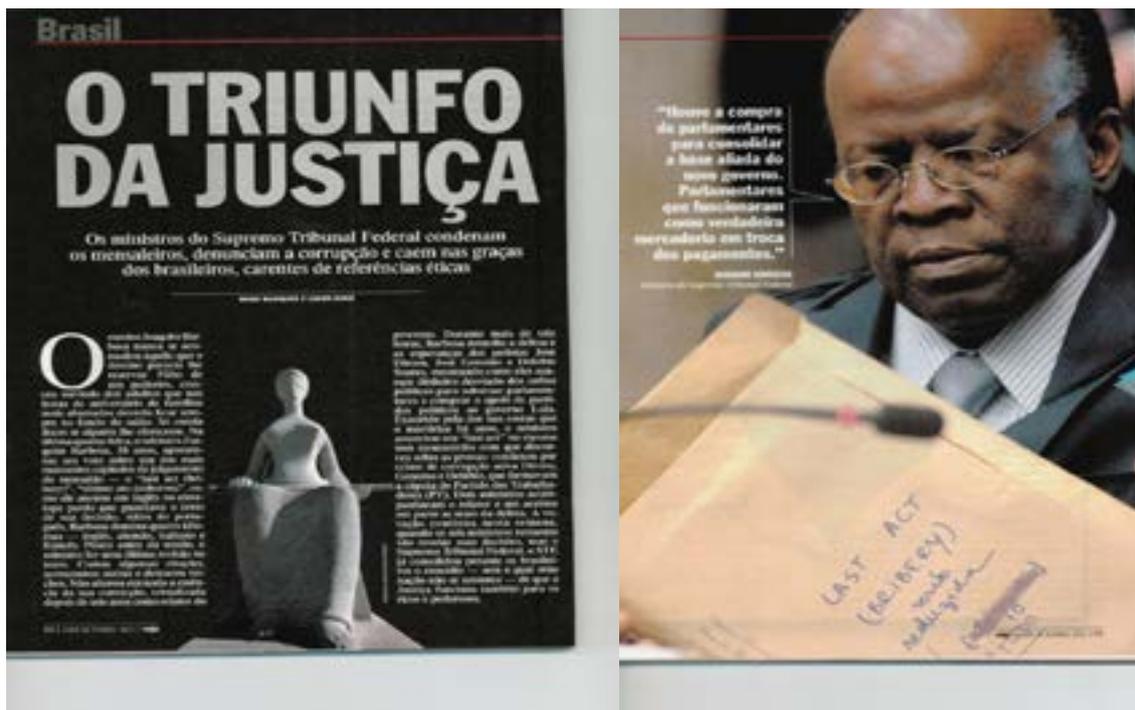


Figura 2: página 68

Figura 3: página 69

Tem-se, de um lado, na página 68: a presença do contextualizador propriamente dito, nome da seção no qual o texto está inserido, "Brasil", elemento que constitui uma pista que permite situar o tema da matéria, infere-se, pelo conhecimento prévio quanto à organização da revista, que o texto tratará de algum assunto de interesse nacional. O título da matéria "O triunfo da justiça", apresentado em letras maiúsculas mais claras, "contextualizador prospectivo" que, como tal, possibilita a criação de expectativas em relação ao conteúdo do texto, parece indicar ao leitor a possível interpretação de que o texto apresentará a vitória da justiça frente aos fatos sociopoliticamente situados, a imagem da estátua, símbolo da justiça, compactua com essa ideia. Abaixo do título, o subtítulo ajuda na realização dessa situação "Os ministros do Supremo Tribunal Federal condenam os mensaleiros, denunciam a corrupção e caem nas graças do brasileiro, carentes de referências éticas". Cabe destacar que algumas escolhas lexicais vão encaminhando para os direcionamentos pretendidos: "caem nas graças", "carentes".

O leitor avança para o início do texto, "contextualizador prospectivo", e verifica que a ênfase recai mesmo no ministro Joaquim Barbosa: "O menino Joaquim Barbosa nunca se acomodou àquilo que o destino parecia lhe reservar (...)". Nota-se que informações veiculadas pelos contextualizadores, desde o início na capa da revista,

são retomadas e reorganizadas, sobretudo por retomar a história de sua vida particular, para então inseri-lo como ministro.

Compondo essa primeira visão da matéria, do outro lado, página 69, toda a extensão da página é usada com o contextualizador propriamente dito fotografia. O que se vê é a imagem do ministro Joaquim Barbosa, sério, olhar abaixado, pensativo, com um envelope na mão em que se lê, em inglês, "last act (bribery)" que pode ser traduzido "por último ato (suborno)" e, em português, "versão reduzida". Um balão sai da sua imagem com a inscrição da fala "'Houve a compra de parlamentares para consolidar a base aliada do novo governo. Parlamentares que funcionaram como verdadeira mercadoria em troca de pagamentos.' Joaquim Barbosa, ministro do Supremo Tribunal Federal".

Ampliando a visão, as páginas 68 e 69 juntas completam-se e, como primeiras páginas, impulsionam o leitor a depreender o possível sentido implícito: o texto trará informações a respeito dos últimos acontecimentos do mensalão, a decisão dos ministros do STF, com ênfase para o papel exercido pelo ministro Joaquim Barbosa.

Na sequência, vira-se a página e tem-se:



Figura 4: página 70



Figura 5: página 71

Na página 70, novamente, a imagem ampliada é a do menino

da capa que, nesse momento, os leitores já sabem quem representa (associação feita já pela leitura da capa). Na página 71 a fotografia também é destaque, o menino agora é o ministro Joaquim Barbosa que, abraçado a Pelé, pela primeira vez aparece sorrindo. A legenda ao lado, "contextualizador prospectivo", contempla informações a respeito das duas fotografias apresentadas e, além disso, direciona-as desde o título que as insere "destino". Lê-se, então:

O ministro Joaquim Barbosa teve uma infância pobre na cidade de Paracatu, no interior de Minas Gerais. A fotografia em preto e branco da página ao lado foi batida quando ele tinha 14 anos. Ela é uma das raras imagens que ainda existem dessa fase da vida do ministro. A fotografia está anexada à ficha de matrícula de Barbosa numa escola da cidade. Logo depois de ser nomeado pelo ex-presidente Lula para o Supremo Tribunal Federal (STF), o ministro Joaquim Barbosa recebeu a visita de outro craque, Pelé.

Ao sentido construído pela legenda, se junta outro "contextualizador prospectivo", o "olho do texto", frase de relevo escolhida pelo produtor do texto e inserida em um espaço no meio da página, no qual se lê nesta matéria a própria fala do ministro Joaquim Barbosa: "Minha vida é de muita luta, algumas vezes em ambientes hostis. Sou um sujeito que nunca pediu nada a ninguém, nunca me curvei a ninguém e tive muita sorte. Joaquim Barbosa, Ministro do Supremo Tribunal Federal, relator do mensalão".

Novamente a página é virada e o que se visualiza é:



Figura 6: página 72



Figura 7: página 73

Nesse momento, o foco não parece ser mais Joaquim Barbosa, as imagens são dos “mensaleiros” e ministros que participam do julgamento do mensalão. Na página 72, tem-se José Dirceu, mais acima, seguido por Delúbio Soares e José Genoíno. A legenda, mais uma vez, informa e direciona a interpretação, sob o título “mensaleiros”:

Na semana passada, os ministros do STF começaram a julgar os três chefões do PT na época do escândalo – o ex-ministro José Dirceu, o ex-presidente do partido José Genoíno (ao lado) e o ex-tesoureiro Delúbio Soares (acima): a antiga cúpula é acusada de desviar dinheiro público para subornar parlamentares e comprar apoio de partidos políticos. O veredicto deve ser anunciado nesta semana.

Ao lado, página 73, as imagens são dos Ministros Celso de Mello e Carlos Ayre Britto, seguidos de frases ditas por eles, dispostos em balões, direcionando a leitura da matéria; pois o conteúdo das falas destacadas demonstra a tentativa desses ministros na busca pela justiça e contra os atos envolvidos no processo do “mensalão”, ou seja, são sujeitos que lutam em nome do “triunfo da justiça”, como diz o título.

A mesma estrutura de distribuição dos contextualizadores propriamente ditos é seguida nas páginas seguintes.



Figura 8: página 74



Figura 9: página 76

Visualiza-se as fotografias e frases/fala dos ministros Gilmar Mendes e Marco Aurélio, página 74, Luiz Fux e Rosa Weber, página 76, enfocando a atuação deles no julgamento. Esse tipo de recurso – a inserção da fala dos envolvidos e da foto desses em atuação – ao mesmo tempo exime a revista da responsabilidade na afirmação dos fatos e emite maior credibilidade ao que está sendo veiculado por ela. Nota-se, ainda, que as escolhas das falas são, normalmente, de conteúdo enfático e envolvem consequências diretas para o leitor/eleitor/cidadão, como aparece na fala da página 76, em que a aposta na argumentação pela emoção é evidente: “a cada desvio de dinheiro público, mais uma criança passa fome, mais uma localidade fica sem saneamento, sem mais um hospital, sem leite.” Luiz Fux, Ministro do Supremo Tribunal Federal”.

Chega-se então às últimas páginas da matéria, é preciso arrematar as discussões propostas e, como todo bom escritor, é preciso novamente impactar, “a primeira e a última impressão são as que ficam”. Veja-se:



Figura 10: página 78



Figura 11: página 79

Nota-se que as páginas 78 e 79, formam uma composição em conjunto e, na horizontal parecem divididas em duas partes: na parte superior visualiza-se, dando continuidade ao que aparece nas páginas

anteriores, as fotografias e frases/fala dos ministros, na sequência: Cármen Lúcia, Ricardo Lewandowski e Dias Toffoli. Além disso, mais uma vez, nota-se a escolha de falas enfáticas e que procuram dar a dimensão da “tensividade” em que o julgamento ocorria.

Na parte inferior, construiu-se um gráfico intitulado “veredicto” em que se visualiza a foto, o nome, uma descrição do cargo, a acusação e a pena dos condenados no mensalão, acima desse gráfico há um pequeno texto situando o que é apresentado, constituindo numa espécie de legenda que diz: “Os ministros do STF já condenaram 22 dos 38 réus, absolveram quatro e desmembraram o processo em relação a um dos acusados. Na semana passada, começaram a ser julgados os chefes do núcleo político do mensalão – que envolveu parlamentares de cinco partidos.” Essa disposição final situa o contexto da discussão e funciona como um resumo dos fatos narrados até o momento, de modo a facilitar a compreensão do leitor. Além disso, sobretudo pela inserção das fotografias, possibilita o melhor conhecimento público dos condenados, aliás, a condenação é ainda mais enfatizada pela inserção sobre cada um deles do carimbo de “condenado”.

Nota-se, pelas considerações feitas, que o contextualizador fotografia desempenha papel de relevância, ancora e enfatiza o sentido dos outros e, conseqüentemente, o sentido do texto, como afirma Faria (2001, p.217): “Hoje o aspecto visual na imprensa escrita é um dos elementos básicos para sua leitura crítica”. Cabe assim, ao leitor agir de forma a atentar minuciosamente para o desvelamento dos sentidos implícitos nesse tipo de contextualizador.

Enfim, na relação entre contextualizadores propriamente ditos e prospectivo, ocorre a construção e o direcionamento para a leitura do todo. Além disso, tais elementos, além de orientar o leitor no desvelamento de possíveis sentidos implícitos no texto, funcionam como uma estratégia utilizada para dar mais credibilidade ao que está sendo explorado no texto, como aponta Koch & Travaglia (1991, p.67).

Considerações finais

É preciso reconhecer que não há neutralidade no discurso, por isso a importância de saber observar como o texto constrói o sentido a partir dos elementos que asseguram isso. Nesse sentido, por

intermédio das reflexões teóricas e da análise realizada, foi possível perceber que, na reportagem “O triunfo da justiça”, a escolha de determinados contextualizadores constituem-se em pistas que precisam ser desveladas pelo leitor com vistas à observação de determinadas construções de sentido e, especificamente, no texto analisado, auxilia na construção, sobretudo, da imagem do ministro Joaquim Barbosa.

O artigo, não pretendeu esgotar as possibilidades de análises de recursos que o *corpus* permite, outros podem ser buscados para ancorar as observações realizadas. Espera-se que a demonstração da importância dos contextualizadores na construção textual, sobretudo em textos midiáticos, possa levar o leitor a refletir em relação à necessidade da leitura atenta aos sentidos a serem reconstruídos, tendo em vista que nesse processo de atribuição de sentidos está sempre em jogo a interação dos interlocutores que se constituem e são constituídos continuamente em determinada situação sociodiscursiva.

Referências

DINIZ, L.; MARQUEZ, H. O menino pobre que mudou o Brasil (capa). O triunfo da justiça. **Veja**. São Paulo: Abril, edição 2290, ano 45, nº41, 10 out. 2012. p.68-79. Disponível em: <http://Veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Acesso em: 10 nov. 2012.

GALEMECK, P. de T. A linguística Textual e seus mais recentes avanços. In: **Cadernos do CNLF** (CiFEFil), Rio de Janeiro, v. IX, n.05, p. 68-77, 2005.
KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Introdução à linguística textual**. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Recebido em 16 de junho de 2013.

Aceito em 16 de outubro de 2013.